

## INFORMAÇÕES

- Como já vem sendo costume vai realizar-se no dia **1 de Maio** o **Encontro Nacional de Acólitos**. A quem pretender deslocar-se a Fátima aqui ficam os acontecimentos mais importantes:  
09h30 – Concentração junto aos taludes da construção da nova Igreja  
10h00 – Procissão para a Capelinha das Aparições e Oração do Terço  
11h00 – Celebração da Eucaristia e Consagração dos Acólitos a Nossa Senhora  
13h00 – Almoço seguido de actividades por dioceses  
17h30 – Procissão do Santíssimo Sacramento.
- Conforme fomos informando nos últimos meses este número do **jornal “O Acólito”** só vai para as associações que já renovaram os cartões. Assim, logo que as outras renovem os seus cartões o envio do jornal será retomado. Não é justo o esforço financeiro que se tem com o envio dos jornais para associações que não renovam há 1 e mais anos.

## PROVÉRBIOS ERUDITOS

“Equino objecto de dádiva, não é passível de auscultação odontológica.” Que é como quem diz: “A cavalo dado não se olham os dentes”

“Descendente de espécime piscícola sabe movimentar-se em líquido inorgânico.” Que é como quem diz: “Filho de peixe sabe nadar”

“Tem a monarquia no baixo-ventre.” Que é como quem diz: “Tem o rei na barriga”

“Canídeo com desenvoltura vocal não exercita os maxilares.” Que é como quem diz: “Cão que ladra não morde.”

### ÓRGÃO FORMATIVO E INFORMATIVO DO SDA

DIRECTOR: PADRE LUÍS LEAL • EDITOR: RUI ALMEIDA

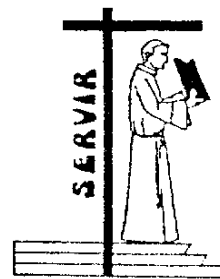
DGCS Nº115962 - Depósito Legal 5463/92 - Tiragem: 250 exemplares

Preço Avulso: 0,30 € • Assinatura Anual: 2 €

Propriedade e Administração: PATRIARCADO DE LISBOA – SERVIÇO DIOCESANO DE ACÓLITOS

Mosteiro de São Vicente de Fora – Campo de Sta Clara – 1100-473 Lisboa - Tel: 218810500

Impresso na IGREJA PAROQUIAL DE S. JORGE DE ARROIOS



# O Acólito

Março/Abril 2006 Nº 85\*4ª Série \*XIII Ano \*0,30€

## EMA 2006 PARÓQUIA DE SANTO EUGÉNIO

Antes mais, na nossa publicação, quando o “O Acólito” erra há lugar à correcção na primeira página. Assim sendo, pedimos desculpa pelo facto de no número anterior ter saído a indicação de que o EMA seria em Sto Estêvão, quando na realidade era e será na paróquia de Santo Eugénio.

Agora mais informações:

O encontro decorrerá no dia 25 de Abril como habitualmente e terá início pelas 9h30 com o Acolhimento, seguido da Oração de Laudes. Depois da apresentação das paróquias presentes iniciar-se-ão as actividades por grupos etários: 8-12; 13-15; 16-18 e a partir dos 18 anos.

O almoço será pelas 12h30 e, como é costume, será partilhado por todos os participantes.

Depois do almoço haverá uma actividade pelo Bairro da Encarnação. Será um Peddy-Paper subordinado ao tema “Porque... viemos para Te servir”

A Eucaristia será celebrada às 16 horas e depois seguir-se-á um lanche para comemorar os 30 anos da associação de acólitos de Sto. Eugénio.

Contamos com a presença de muitos acólitos dos vários cantos da diocese e para isso já terão recebido ou estarão a receber uma carta com todas as informações necessárias. Só para facilitar aqui fica uma indicação dos autocarros da Carris para mais facilmente chegarem lá: Os autocarros são o 5; 10; 22; 45; 105 e vêm de vários pontos da cidade como do Cais do Sodré, Estação do Oriente; Areeiro; Martim Moniz; Praça do Chile e Marquês de Pombal.

## JESUS CRISTO – O AMOR ENCARNADO DE DEUS

12. Apesar de termos falado até agora prevalentemente do Antigo Testamento, já se deixou clara a íntima compenetração dos dois Testamentos como única Escritura da fé cristã. A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos — um incrível realismo. Já no Antigo Testamento a novidade bíblica não consistia simplesmente em noções abstractas, mas na acção imprevisível e, de certa forma, inaudita de Deus. Esta acção de Deus ganha agora a sua forma dramática devido ao facto de que, em Jesus Cristo, o próprio Deus vai atrás da «ovelha perdida», a humanidade sofredora e transviada. Quando Jesus fala, nas suas parábolas, do pastor que vai atrás da ovelha perdida, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro do filho pródigo e o abraça, não se trata apenas de palavras, mas constituem a explicação do seu próprio ser e agir. Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo — o amor na sua forma mais radical. O olhar fixo no lado trespassado de Cristo, de que fala João (cf. 19, 37), compreende o que serviu de ponto de partida a esta Carta Encíclica: «Deus é amor» (1 Jo 4, 8). É lá que esta verdade pode ser contemplada. E começando de lá, pretende-se agora definir em que consiste o amor. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e amar.

13. Jesus deu a este acto de oferta uma presença duradoura através da instituição da Eucaristia durante a Última Ceia. Antecipa a sua morte e ressurreição entregando-Se já naquela hora aos seus discípulos, no pão e no vinho, a Si próprio, ao seu corpo e sangue como novo maná (cf. Jo 6, 31-33). Se o mundo antigo tinha sonhado que, no fundo, o verdadeiro alimento do homem — aquilo de que este vive enquanto homem — era o *Logos*, a sabedoria eterna, agora este *Logos* tornou-Se verdadeiramente alimento para nós — como amor. A Eucaristia arrastou-nos no acto oblativo de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o *Logos* encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação. A imagem do matrimónio entre Deus e Israel torna-se realidade de um modo anteriormente inconcebível: o que era um estar na presença de Deus torna-se agora, através da participação na doação

de Jesus, comunhão no seu corpo e sangue, torna-se união. A «mística» do Sacramento, que se funda no abaixamento de Deus até nós, é de um alcance muito diverso e conduz muito mais alto do que qualquer mística elevação do homem poderia realizar.

14. Temos agora de prestar atenção a outro aspecto: a «mística» do Sacramento tem um carácter social, porque, na comunhão sacramental, eu fico unido ao Senhor como todos os demais comungantes: «Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão» — diz São Paulo (1 Cor 10, 17). A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projectando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos «um só corpo», fundidos todos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si. Assim se compreende por que o termo *agape* se tenha tornado também um nome da Eucaristia: nesta a *agape* de Deus vem corporalmente a nós, para continuar a sua acção em nós e através de nós. Só a partir desta fundamentação cristológica-sacramental é que se pode entender correctamente o ensinamento de Jesus sobre o amor. A passagem que Ele faz realizar da Lei e dos Profetas ao duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo, a derivação de toda a vida de fé da centralidade deste preceito não é uma simples moral que possa, depois, subsistir autonomamente ao lado da fé em Cristo e da sua re-actualização no Sacramento: fé, culto e *ethos* compenetraram-se mutuamente como uma única realidade que se configura no encontro com a *agape* de Deus. Aqui, a habitual contraposição entre culto e ética simplesmente desaparece. No próprio «culto», na comunhão eucarística, está contido o ser amado e o amar, por sua vez, os outros. Uma Eucaristia que não se traduza em amor concretamente vivido, é em si mesma fragmentária. Por outro lado — como adiante havemos de considerar de modo mais detalhado — o «mandamento» do amor só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser «mandado», porque antes nos é dado.